



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE
CURSO DE FONOAUDIOLOGIA

**PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE FONOAUDIOLOGIA DA PUC
GOIÁS SOBRE O MANHÊS**

GOIÂNIA
2022

FRANCIELLY LIMA BASILIO
NATHANA SOUSA SANTOS

**PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE FONOAUDIOLOGIA DA PUC
GOIÁS SOBRE O MANHÊS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado, na qualidade de artigo científico, à coordenação do curso de Fonoaudiologia, da Escola de Ciências Sociais e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Fonoaudiologia.

Orientadora: Mestra Eliane Faleiro de Freitas.

GOIÂNIA
2022



ATA DE DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 12 dias do mês de dezembro de 2022, às 18:00 horas, em sessão pública na sala da Escola de Ciências Sociais e da Saúde da PUC Goiás, na presença da Banca Examinadora presidida pela Professora Mestre ELIANE FALEIRO DE FREITAS e composta pelos examinadores:

1. Professora Doutora LISA VALÉRIA VIEIRA TÔRRES,
2. Professora Mestre MARCELLA HAICK MALLARD,

as alunas FRANCIELLY LIMA BASÍLIO E NATHANA SOUSA SANTOS apresentaram o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado PERCEÇÃO DOS ESTUDANTES DE FONOAUDIOLOGIA DA PUC GOIÁS SOBRE O MANHÊS como requisito curricular indispensável para integralização do Curso de Bacharelado em Fonoaudiologia. Após reunião em sessão reservada, a Banca Examinadora deliberou e decidiu pela aprovação do referido trabalho, divulgando o resultado formalmente às alunas e demais presentes e eu, na qualidade de Presidente da Banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais examinadores e pelo aluno.

Presidente da Banca Examinadora

Examinador 01

Examinador 02

Alunos(as)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar eu agradeço e louvo a Deus que foi quem me carregou até aqui, agradeço também minha mãe Odoyá que me trouxe luz e paz. Dedico esse trabalho aos meus pais Sidelcídia e Acilon (in memoriam) que sempre me ensinaram sobre honestidade, caráter e amor e que durante meus 32 anos de vida nunca largaram a minha mão e sempre foram meus maiores incentivadores; também a minha irmã Laryssa, que sempre foi meu maior orgulho e é minha inspiração; a minha cunhada Luciana que todas as vezes que eu quis desistir me mostrou que o caminho certo era seguir e concluir. Agradeço ao meu filho Gael, que chegou durante a graduação me trouxe a esperança e força que eu precisava para chegar aqui. Agradeço ao meu amor Caroline, que desde o início está ao meu lado, com muito amor e paciência e que nunca me deixou fraquejar, que sempre me mostrou que esse dia chegaria. Obrigada meu amor! Agradeço também os meus professores que fizeram parte disso tudo, em especial deixo minha gratidão a professora Mestra Eliane Faleiro que aceitou o desafio de nos conduzir nesse projeto. E finalmente agradeço a minha irmã de alma, a quem eu me emociono em citar, Nathana Sousa, que foi meu braço direito, meu ombro amigo, meu colo e minha dupla do início até sempre, obrigada por tudo amiga, você tem o meu amor! (**Francielly**).

Agradeço primeiramente a Deus, pois a permissão, o cuidado e o zelo Dele se revelam desde meu nascimento, colocando-me sempre na presença de pessoas que me amam e sonham os meus sonhos comigo. A Ele toda Honra, Glória e Louvor! Agradeço especialmente ao meu pai e minha mãe que compraram comigo essa batalha, que foram meu esteio e base, não permitiram que eu desistisse do meu sonho, se sacrificaram e abdicaram para que pudéssemos viver este momento. Agradeço a minha avó Déa e avô Onofre que me receberam em sua casa, que me adotaram em seu coração e iluminam a minha vida com amor, zelo, cuidado e dedicação. Agradeço a minha madrinha Thais Miranda que sempre foi o meu exemplo esforço, estudo e disciplina, não há palavras para descrever a minha gratidão por você ter mantido desde o cursinho as primeiras parcelas da universidade... Seu amor e carinho me emocionam. Agradeço as minhas irmãs Lais, Larisse e Thatyla por sempre torcerem pelo meu sucesso e serem as minhas maiores fãs. Agradeço a minha irmã de alma e dupla de TCC Francielly Lima Basílio por me carregar nos dias em que as minhas forças se esvaíram. Te amo amiga. E para finalizar agradeço a nossa orientadora Eliane Faleiro por abraçar este projeto e possibilitar a concretização do mesmo com tanta dedicação e Esmero. (**Nathana**).

PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE FONOAUDIOLOGIA DA PUC GOIÁS SOBRE O MANHÊS

Francielly Lima Basílio¹

Nathana Sousa Santos¹

Eliane Faleiro de Freitas²

¹Acadêmicas do curso de Fonoaudiologia da PUC Goiás.

²Fonoaudióloga, Musicoterapeuta; Mestra em Música (UFG), Docente do Curso de Fonoaudiologia (PUC Goiás)

RESUMO

Objetivo: Investigar o conhecimento dos estudantes do curso de Fonoaudiologia da PUC-Goiás com relação ao termo manhês através dos relatos colhidos a partir de questionário e definir a percepção do aluno de fonoaudiologia sobre o manhês. **Metodologia:** Trata-se de um estudo qualitativo transversal que visa analisar a percepção dos estudantes de Fonoaudiologia acerca da temática manhês. Os critérios definidos para inclusão foram: alunos matriculados no curso de Fonoaudiologia da PUC – Goiás; alunos do curso de Fonoaudiologia da PUC – Goiás com assiduidade; alunos maiores de 18 anos. **Discussão e Resultados:** Foram colhidas 17 entrevistas com estudantes de Fonoaudiologia da PUC-GOIÁS, acadêmicos do primeiro ao oitavo período, nas quais os acadêmicos trouxeram diversas percepções para o manhês sendo que fala aguda/agudizada/infantil e infantilizada foram as respostas que mais apareceram. **Conclusão:** a grande maioria dos alunos do curso de Fonoaudiologia da PUC Goiás tem a percepção sobre o manhês, porém não relacionam as características ao termo técnico.

Palavras-chave: Manhês; fonoaudiologia; estudantes.

ABSTRACT

Objective: To investigate the knowledge of students of the Speech Therapy course at PUC-Goiás regarding the term Manhês through the reports collected from a questionnaire and define the perception of Speech Language Pathology students between the relationship Manhês and language acquisition. **Methods:** This is a cross-sectional qualitative study that aims to analyze the perception of Speech-Language Pathology students about the Motherese theme. The criteria defined for inclusion were Students enrolled in the Speech Therapy course at PUC – Goiás; Attending students of the Speech Therapy course at PUC – Goiás; Students over 18 years old. **Discussion and Results:** 17 interviews were collected with students of speech therapy at PUC-GOIÁS, academics from the first to the eighth period, the acad. brought several definitions for motherese, of which high-pitched/high-pitched/infantile and infantile speech were the ones that appeared the most. **Conclusion:** The vast majority of students in the speech therapy course at PUC Goiás have the definition of motherese, but do not relate the characteristics to the technical term.

Keywords: Manhese; speech therapy; students.

INTRODUÇÃO

Para uma comunicação efetiva é necessário que o interlocutor se preocupe com o receptor, com seu conhecimento prévio do assunto e com a linguagem a ser utilizada para que a mensagem seja clara e de fácil entendimento. Quando o receptor da mensagem é uma criança, ou até mesmo um bebê que ainda não se apropriou da língua, é necessário refletir acerca de como capturar a criança na linguagem. Como fazer para que a mensagem seja no mínimo interessante e curiosa? Como fazer para que a criança seja capturada na linguagem e pela linguagem?

Conhecer acerca da circulação de linguagem e compreender o modo como a criança apreende e adquire linguagem é de suma importância para que o profissional fonoaudiólogo possa orientar, habilitar e reabilitar as funções de fala e comunicação. A partir da premissa de

que a criança apreende a linguagem e desenvolve a fala e a comunicação por meio da interação social com o adulto, Borges e Salomão (2003) ressaltam que a interação social é um componente necessário para a criança adquirir a Linguagem.

Para que a criança se torne uma comunicadora verbal é necessário que ela seja inserida na/pela linguagem e, antes mesmo de nascer, o bebê é falado por seus pais. Ao nascer, o bebê será capturado na/pela linguagem através da convocação de seus cuidadores, geralmente a mãe, por meio de uma forma especial de comunicação denominada *manhês*. Catão (2009) apresenta o *manhês* como um padrão de fala diferenciado, com frases curtas, melodia aguda com acentuadas curvas melódica, palavras simples e fluxo de fala lentificado. Parlato-Oliveira (2013) descreve o *manhês* como uma fala característica observada durante interação entre adultos e bebê, marcada por uma prosódia com elevação da frequência fundamental, com vogais prolongadas e curvas melódicas repetidas, características essas que o bebê tem mais aptidão para reconhecer. A autora destaca que por meio do *manhês* a criança é capturada na linguagem e, para que esta maneira de comunicação seja absorvida e possa ser efetivada, é essencial que ocorra o envolvimento da díade adulto e criança, sendo necessário, também, a riqueza de estímulos com frequência e constância. Deste modo é importante que o cuidador sinta prazer ao realizá-la e esta satisfação será evidenciada na resposta do bebê.

Segundo Flores et al (2011) “A fala materna é importante para a subjetivação do sujeito, sendo primordial à aquisição da linguagem tanto quanto são as questões biológicas” (pg. 144). As autoras ainda relatam que as características do *manhês* podem ser descritas como uma fala com frases curtas e com repetições, léxico simplificado e com alongamento de vogais e prosódia geralmente com voz mais aguda. Tais características fazem com que o bebê olhe para a pessoa que fala com ela, uma vez que o agente materno o convoca a manter um diálogo mesmo que sem palavras. As autoras referem sobre a importância de se observar como que a pessoa que presta os cuidados ao bebê lhe dirige a fala, pois é por meio dessa convocação que será garantida a vivência do bebê enquanto sujeito da linguagem. Nesse sentido, as autoras ainda revelam que ao estabelecer esse diálogo com o bebê por meio do *manhês*, pode-se dar sentido às suas ações e ele sente-se atraído em responder ao seu interlocutor, ou seja, “o *manhês*, para ser *manhês*, precisa da resposta do bebê, pois ela alimenta a fala da mãe” (FLORES; BELTRAMI; SOUZA, 2011, p. 145). As autoras também alertam para o fato de que uma ruptura nesse processo, seja por condições do bebê e/ou da mãe, pode comprometer a experiência enunciativa do bebê, cuja consequência poderá ser a ocorrência de um sintoma na linguagem: o bebê poderá falar pouco ou não falar, por exemplo.

Laznik (2013) afirma que os estudos desenvolvidos nas décadas de 1960-70

consideravam que as produções linguísticas dos bebês dependiam somente da maturação e não consideravam a relação das pessoas próximas ao bebê. A autora refere o manhês como sendo uma “língua que todas as mães do mundo empregam para falar com seus bebês” (LAZNIK, 2013, p. 129) e acrescenta que seria mais bem denominada de “parentes” uma vez que o pai e outros adultos que se envolvem nos cuidados ao bebê a utilizam também. A autora considera que

“No plano prosódico, o manhês compreende um registro de voz mais alto que de hábito, uma gama de contorno de entonação restrita, mas com modulações e variações de altura muito exageradas, formas melódicas longas e doces, com variações amplas. O efeito de ritmo prosódico é amplificado pela frequência de repetições silábicas” (LAZNIK, 2013, p. 129).

A autora ainda afirma que esse padrão de fala é carregado de informações afetivas para o bebê e é fonte de prazer e surpresa para o adulto que se dirige a ele. Laznik (2013) relata que estudos comprovam que o bebê com sete semanas de vida prefere essa produção sonora de uma mulher que evoque o manhês mesmo que seja em uma língua estrangeira. Essa confirmação pode ser sustentada pelo aspecto cognitivo, pois o manhês poderá facilitar a organização da informação da fala para a criança. Além disso, a observação de interações mãe-bebê demonstra que a mãe atribui ao bebê turnos de fala, dando oportunidade dele se manifestar, colocando-o no lugar de interlocutor que produz atos de fala que, por sua vez, a mãe os traduz falando no lugar de ser bebê (LAZNIK, 2013).

Cavalcante (2003) revela que este padrão de fala ocorre em várias línguas e que os bebês apresentam vocalizações e sorrisos como respostas a estas curvas melódicas. Contudo, a autora ressalta que estas modificações prosódicas se manifestam apenas com crianças pequenas, sendo que diante de crianças com mais de 5 anos, os adultos não apresentam essa fala com estes ajustes prosódicos. A autora também destaca que os estudos relacionados à aquisição de linguagem que focam a linguagem como comunicação procuraram analisar a contribuição da interação entre adultos e criança no processo de desenvolvimento de linguagem. Diz a autora: “A interação neste universo se define como estruturas de ação e atenção humanas nas quais a criança é introduzida pelo interlocutor adulto, através da atribuição intencional de significados e intenções ao comportamento infantil” (CAVALCANTE, 2003, p. 153)

Lasnik et al (2005) analisaram vídeos caseiros de bebês que posteriormente foram diagnosticados com autismo e possuíam dificuldade para responder à convocação dos pais. Ao analisar os vídeos, os autores perceberam que os bebês reagiam quando esta solicitação era realizada por meio do manhês. A partir destes recortes concluiu-se que para convocar o bebê e envolvê-lo dentro do processo de comunicação não basta dirigir a fala a ele simplesmente, é

necessário se comunicar com ele de forma especial e diferenciada visando prender sua atenção e conquistar o seu interesse.

Brocchi e Leme (2013) analisaram 20 díades de mães e filhos de 5 a 6 anos de idade com diagnóstico de prematuridade as quais todas as crianças apresentaram baixo desempenho nos testes de linguagem. Nesta população, várias mães relataram quadro de depressão pós-parto e, a partir disto, pôde-se verificar que elas possuíam uma dificuldade de desenvolver e/ou manter o manhês com seus bebês. Por sua vez, tais bebês, pela falta desta comunicação especializada, poderiam se retirar da interação antes de novas tentativas de evocação das mães. Desta forma vemos que o desenvolvimento do manhês está diretamente ligado às condições biológicas, psicológicas e sociais da díade, ou seja, a mãe (ou cuidador) e bebê.

Verly e Freire (2015) realizaram um questionário a fim de propor indicadores de risco para a constituição do sujeito falante. Dentre os indicadores levantados pelas autoras que denotam um processo de aquisição de linguagem por parte da criança sem comprometimentos, seis aspectos se referem à postura dos pais diante da criança, à saber: 1. Os pais conversam com o bebê porque supõem que ele entenda. 2. Os pais interpretam verbalmente as manifestações corporais da criança (riso, choro, gesto e olhar). 3. Os pais recebem a fala da criança como direcionada a eles. 4. Os pais colocam os segmentos de fala da criança em um contexto da língua, valorizando a mensagem da criança. 5. Os pais não reprimem a criança por não a compreender. 6. A criança é ouvida e suas questões são respondidas pelos pais (VERLY; FREIRE, 2015). As autoras destacam que a ausência de um destes indicadores por elas levantados na díade entre pais e bebês pode acarretar risco no desenvolvimento da criança.

Parlato-Oliveira (2013) alerta para o fato de que crianças com risco no desenvolvimento precisam de maior intensidade e continuidade de exposição à interação do outro, pois nos bebês que tiveram diagnóstico de autismo, foi possível observar falhas deles em apresentar resposta diante da provocação do adulto por meio dessa diferenciação no padrão vocal. A autora não afirma que esse fato se deva a alterações cerebrais somente, mas, também, a um funcionamento diferente que decorre até do uso (ou não) do jogo social.

A partir deste levantamento é possível perceber como o acolhimento e convocação feita pelo cuidador é fator importante para que a criança se revele na linguagem e apresente um processo de aquisição de linguagem de modo satisfatório.

Desta forma conhecer e compreender a relevância do manhês é imprescindível para que os estudantes de Fonoaudiologia possam compreender o processo de aquisição de linguagem.

Paulino e Toschi (2021) fizeram um levantamento bibliográfico acerca da relação entre o manhês e a aquisição e o atraso de linguagem. As autoras observaram que, além de poder ser

verificada tal relação, os estudos evidenciaram a importância da ocorrência do manhês para a constituição do sujeito, seja na linguagem como também na sociedade, uma vez que o manhês é precursor para o desenvolvimento de aprendizado de aspectos linguísticos e não-linguísticos. As autoras destacam, também, o papel fundamental deste fenômeno para o estabelecimento de vínculo afetivo e alertam para o fato de que o tema relacionado ao manhês seja pouco conhecido pelos profissionais da Fonoaudiologia, destacando que é esta área do conhecimento que atua nas origens da aquisição da linguagem e nos transtornos que possam ocorrer neste processo.

Diante da evidência da importância da ocorrência do manhês na interação entre cuidador e bebê surge a questão: será que os estudantes de Fonoaudiologia têm conhecimento sobre fenômeno do manhês? Trata-se de uma questão relevante e importante para o campo da Fonoaudiologia.

Assim, esta pesquisa terá como foco investigar a percepção do acadêmico do curso de Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás) com relação ao fenômeno do manhês. Acredita-se que mediante os dados colhidos poder-se-á constatar como a temática está sendo (ou não) abordada na grade curricular do curso e identificar quais aspectos relacionados ao tema manhês e sua relação com o processo de aquisição de linguagem que poderão ser apresentados a esse estudante a fim de contribuir para a formação de profissionais capacitados para atuarem clinicamente na prevenção de sintomas de linguagem.

O estudo teve como objetivo investigar o conhecimento dos estudantes do curso de Fonoaudiologia da PUC Goiás com relação ao termo manhês, bem como averiguar qual a percepção do aluno de Fonoaudiologia entre a relação manhês e aquisição de linguagem.

METODOLOGIA

Este trabalho é um estudo qualitativo transversal que visa analisar a percepção dos estudantes de Fonoaudiologia acerca da temática do manhês.

A pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética de Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e aprovado sob o número CAAE: 61774922.8.0000.0037.

A pesquisa foi realizada com estudantes do curso de Fonoaudiologia da PUC Goiás matriculados e que eram assíduos às aulas. Na época em que a pesquisa foi realizada o curso continha um total de 126 alunos matriculadas (15 homens e 11 mulheres). Os alunos foram convidados a participarem da pesquisa e, após assinarem o Termo de Esclarecimentos Livre e Esclarecido (TCLE), responderem um questionário contendo perguntas abertas e todos os participantes preferiram respondê-las por escrito. Foram colhidas dezessete respostas com alunos que cursavam do primeiro ao oitavo período, sendo definido no mínimo dois alunos

respondentes para cada período do curso. No sétimo período do curso de Fonoaudiologia três respondentes aceitaram responder ao questionário, como apresentado no quadro a seguir:

Período cursado	Quantidade de respostas
1º Período	2 Respostas
2º Período	2 Respostas
3º Período	2 Respostas
4º Período	2 Respostas
5º Período	2 Respostas
6º Período	2 Respostas
7º Período	3 Respostas
8º Período	2 Respostas
Total	17 respostas

Quadro.1- Quantidade de respostas por período cursado.

Aos participantes que aceitaram participar da pesquisa foi apresentado um questionário com as seguintes questões: (1) Você sabe o que é manhês? Já ouviu a respeito sobre algum padrão de fala especial utilizada pelos adultos quando se fala com bebês? Sabe dizer quais são as características desse padrão de fala? e (2) Na sua opinião, há alguma justificativa em apresentar esse padrão de fala a um bebê?

Para sustentar a análise dos dados utilizou-se referencial teórico cujos descritores que nortearam as buscas nas bases de dados PubMed, Scielo, Pepsic e Google Acadêmico foram: manhês, diálogo mãe-bebê, linguagem no manhês, características presentes no manhês, interação mãe-bebê, relação do manhês com atrasos na linguagem, diálogo inicial mãe-bebê.

Após a aplicação do questionário, foi feita a correlação das respostas com a literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As características em comum encontradas nas respostas dos alunos relacionadas ao manhês foram: fala aguda/agudizada/fina/infantil ou infantilizada (nove vezes); fala manhosa/emotiva/com entonação e prosódia específica (oito vezes); fala utilizando palavras no diminutivo (duas vezes) e redução silábica (duas vezes) e, ainda, fala fácil de repetir/ palavras fáceis (três vezes).

Das dezessete entrevistas, apenas quatro entrevistados responderam não conhecer

acerca do assunto, nunca terem ouvido falar sobre e/ou não possuírem qualquer opinião acerca do tema. Os alunos respondentes que apresentaram esses resultados se encontram atualmente no primeiro, segundo e sétimo períodos do curso de Fonoaudiologia.

Do total de dezessete questionário, treze respondentes apresentaram ter algum conhecimento com relação ao fenômeno manhês. Contudo, ocorreu que três entrevistados responderam não saber o que é manhês quando respondeu à primeira pergunta, mas trouxeram uma definição para o tema, como se observa na seguinte resposta do participante: *“Não sei muito sobre o assunto, mas já ouvi falar que é a famosa voz ‘manhosa’ (...) Não sei as características deste padrão de fala, talvez citaria a voz mais aguda, utilizando diminutivo”*.

Parlato-Oliveira (2013), como foi exposto anteriormente, define o manhês como um padrão de fala diferenciado que o adulto faz para se dirigir ao bebê caracterizado com melodia aguda, prolongamento de vogais e melodia repetida. Tal definição pode ser considerada como semelhante às respostas apresentadas pelos alunos quando consideram que o manhês apresenta voz aguda/agudizada/infantil/infantilizada, além de apresentarem a ideia de que o manhês possui melodia diferenciada. Considera-se que a seguinte resposta corrobora com essa referência: *“voz manhosa, com forte entonação e palavras que eles (bebês) consigam repetir”*.

É válido destacar que a voz das crianças possui pitch mais agudo, característica esta que prevalece até que elas passem pela muda vocal, processo pelo qual a voz ficará mais grave na adolescência (BEHLAU, 2001). Acredita-se, portanto, que a associação realizada pelos alunos com a fala infantil ocorra devido a esta familiaridade com o padrão de fala das crianças, uma vez que a temática com relação à voz é estudada ao longo do curso de Fonoaudiologia.

Flores et al (2011) ao analisar duas díades de mães e bebês perceberam a presença de diminutivos e reduções silábicas na fala materna enquanto se dirigiam a seus bebês por meio do manhês, demonstrando que esta característica realmente ocorre durante a realização do fenômeno. As autoras associaram o uso de palavras no diminutivo como uma maneira de transmitir afeto por meio da fala. A presença de palavras no diminutivo e com redução silábica também foi verificada nas respostas, como o exemplo a seguir: *“... Quando um adulto conversa com o bebê é usada voz aguda, palavras no diminutivo, a qual ocasiona grande impacto no desenvolvimento de linguagem dessa criança”*, corroborando com mais uma caracterização com relação ao manhês de acordo com o referencial teórico.

Outro ponto destacado nas respostas foi a apresentação de fala fácil de repetir/ imitar. Bezerra e Araújo (2012) mencionam a importância do processo de imitação realizado pelas crianças para o desenvolvimento de fala e linguagem. Os autores destacam que as crianças absorvem os conceitos de linguagem a partir da interação com outro e reproduzem recortes da

fala do adulto manipulando e ressignificando os conceitos adquiridos. Desta forma relacionar a produção do manhês com o processo de imitação faz sentido, pois a imitação está sempre presente em todo o processo de desenvolvimento e aquisição de linguagem.

Para o questionamento do item dois: “Na sua opinião, há alguma justificativa em apresentar esse padrão de fala a um bebê?”, cinco alunos apresentaram como justificativa ser uma questão cultural e automática. Um entrevistado trouxe a seguinte justificativa “*Acredito que porque as crianças e bebês passam uma inocência e doçura para nós, e isso automaticamente nos leva a produzir o manhês.*” E outro participante apresentou a seguinte justificativa: “*sim, devido ao fato de serem pequenos e fofo*”. Nesse sentido é interessante correlacionar tais respostas às reflexões de Cavalcante e Barros, pois

“Esta perspectiva (neodarwinista) enfatiza uma predisposição biológica primária para o uso exagerado de traços prosódicos na fala dirigida ao infante. Esse modelo propõe predisposições mais biológicas que linguísticas ou convenções culturais como determinantes primários do uso e efetividade da entonação exagerada na fala dirigida ao bebê. E serve de suporte para o argumento de que a fala humana materna é um mecanismo pré-adaptativo”. (CAVALCANTE; BARROS, 2012, pg. 29).

Quatro alunos apresentaram que a realização do manhês se dá como uma forma de convocar o bebê, chamar a atenção dele para a interação. De Lemos (2002) defende que "por meio do outro, a criança passa a ser inserida e capturada na linguagem". Lasnik et al (2005), como citado anteriormente, verificou que crianças que posteriormente se tornaram autistas não correspondiam a convocação dos adultos, entretanto estas reagiam quando a chamativa ocorria por meio do manhês. Outrossim, é interessante destacar que as respostas que consideraram o manhês como um fenômeno importante de captura da criança na circulação da linguagem foram de alunos do oitavo período e que já haviam passado por estágio de linguagem. Assim, um respondente deste período apresentou uma reflexão assertiva com relação a importância do fenômeno de acordo com sua afirmação: “*No manhês uma das características importantes é o ato de considerar o bebê como um sujeito, dar voz aquele bebê que está iniciando o processo de se revelar através da linguagem*”.

Ferreira (2001) ao discutir sobre a relação mãe e bebê durante o fenômeno do manhês reflete que, quando a mãe dialoga com o bebê e aguarda as reações do filho e muitas vezes inferindo respostas às suas próprias perguntas, ela eleva esta interação ao status de protoconversa, um diálogo onde ora a mãe fala, ora o bebê se manifesta, e este fenômeno dá à criança um lugar de fala que ela ocupa cada vez com mais propriedade na medida em que desenvolve habilidades linguísticas.

Pode-se considerar, diante do exposto, que a maioria dos estudantes apresentam alguma

percepção com relação ao manhês, mas talvez ainda não tenham se apropriado dos termos técnicos, a começar pela própria nomenclatura que faz referência ao fenômeno. Ademais, considera-se imprescindível que o fonoaudiólogo domine tal pauta acerca do manhês por se tratar de um aspecto importante no processo de aquisição de linguagem por parte do infante. Ao se deparar na clínica fonoaudiológica com uma criança com quadro de atraso de fala, antes de se pensar em determinar a patologia, deve-se investigar como a linguagem foi inserida na vida dessa criança, como nos alerta Rocha (2018):

“Há operações clínicas para pensarmos nas relações do adulto-pai/mãe com o pequeno que não fala. Há que supor no bebê um falante: falamos para alguém que não responderá, mas este diálogo primeiro, em que o adulto precisa supor neste pequeno um sujeito que responda, é condição necessária para a fala (...) temos que correr o risco, sem saber o que a criança quer dizer, de supor uma significação em cada coisa que a criança faz, emite e que são variáveis” (ROCHA, 2018; p. 13-14).

E essa suposição de falante começa antes mesmo de o bebê começar a falar. É por meio da convocação possibilitada pelo manhês que se tem a possibilidade de a linguagem ser circulada e a criança ser inserida na língua. Desta maneira, outras pesquisas devem ser realizadas com o objetivo de se verificar, com mais propriedade, a necessidade de o Fonoaudiólogo dominar a temática do manhês.

CONCLUSÃO

A pesquisa foi feita com alunos do curso de Fonoaudiologia da PUC Goiás com o objetivo investigar o conhecimento dos acadêmicos sobre a temática Manhês. Foi aplicado um questionário com perguntas abertas onde os alunos foram convidados a participar da pesquisa durante os intervalos das aulas, e os que aceitavam participar assinaram o TCLE e responderam as questões por escrito de acordo com o conhecimento que tinham com relação ao fenômeno manhês.

A maior parte das entrevistas colhidas trouxeram respostas acerca do que seria o manhês, significações estas que se revelaram próximas ao que revela a literatura específica sobre o assunto. Entretanto foi possível verificar que os alunos não relacionam o termo técnico “manhês” com as características deste padrão de fala e comunicação.

REFERÊNCIAS:

BEHLAU, Mara. A voz do especialista. Rio de Janeiro: Ed Revinter Ltda, p. 58, 2001.

BEZERRA, Giovani Ferreira; DE CASTRO ARAUJO, Doracina Aparecida. a linguagem na

ontogênese humana: do balbucio às formas superiores de conduta. **anais do sciencult**, v. 3, n. 1, p. 99-108, 2012.

BORGES, Lucivanda Cavalcante; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 16, p. 327-336, 2003.

BROCCHI, Beatriz Servilha; LEME, Maria Isabel da Silva. A relação entre a interação mãe-criança no desenvolvimento da linguagem oral de recém-nascidos prematuros. **AudiologyCommunication Research**, v. 18, p. 321-331, 2013.

CAVALCANTE, M. C. B. O Estatuto do “Manhês” na Aquisição da Linguagem. **DLCV - Língua, Linguística & Literatura**, Brasil, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 147-156, out. 2003.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra; BARROS, Andressa Toscano de Moura C. 1) Manhês—Qualidade vocal e deslocamentos na dialogia mãe-bebê. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 16, 2012.

CATÃO I. O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo. São Paulo: Instituto Langage, 2009.

DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cadernos de estudos linguísticos**, v. 42, p. 41-70, 2002.

FERREIRA, Severina Sílvia. Por que falar ao bebê se ele não compreende. **Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 97-103, 2001.

FLORES, Mariana R.; BELTRAMI, Luciane; DE SOUZA, Ana Paula R. O manhês e suas implicações para a constituição do sujeito na linguagem. **Distúrbios da comunicação**, v. 23, n. 2, 2011.

LAZNIK, Marie Christine, MAESTRO, Sandra, MURATORI, Filippo et al. Interações sonoras entre bebês que se tornaram autistas e seus pais. In: COLOQUIO FRANCO-BRASILEIRO SOBRE A CLÍNICA COM BEBÊS, 1., 2005, Paris. Proceedings online... Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000007200500100004&lng=en&nrm=abn>. Acesso on: 11 maio 2022.

LAZNIK, Marie Christine - **A hora e a vez do bebê**. São Paulo: Instituto Langage, 2013.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. Interações Sonoras. In: LAZNIK, Marie Cristine - **A hora e a vez do bebê**. São Paulo: Instituto Langage., 2013.

PAULINO, Bianca Sudário; TOSCHI, Larissa Seabra. Manhês: implicações na aquisição e no atraso de linguagem. 2021. 26 f. TCC (Graduação) - Curso de Fonoaudiologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021. 26 p. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3097/1/TCC%20PRONTO%20%28PUBLICAR%29.pdf>. Acesso em: 11 maio 2022.

ROCHA, Ana Clélia de Oliveira. Introdução – O silêncio e o tempo: impactos do diagnóstico na linguagem infantil. In: ROCHA, Ana Clélia de Oliveira; BAPTISTA, Marta Gonçalves Gimenez (org.). **A criança e a palavra – a linguagem e suas articulações** – Curitiba: CRV, 2018. P. 14-19.

VERLY, Fábila Regina Evangelista; FREIRE, Regina Maria Ayres de Camargo. Indicadores clínicos de risco para a constituição do sujeito falante. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 766-774, jun. 2015.